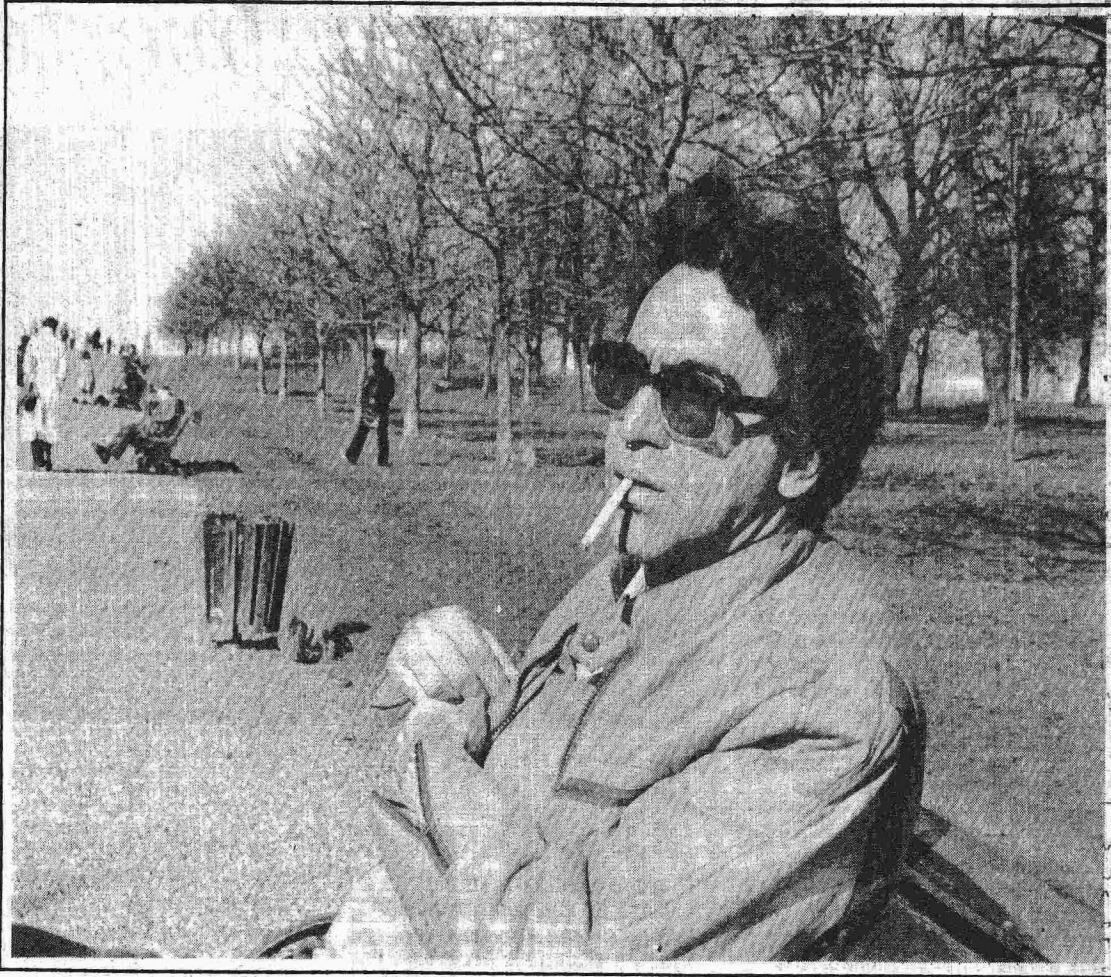




Esdras: de Nova York, uma visão de Brasília

‘O VENTRE DA BALEIA’, DE ESDRAS DO NASCIMENTO

A solidão em Brasília: céu azul e dias iguais

SONIA NOLASCO-FERREIRA,
correspondente do GLOBO
em Nova York

“Viver em Brasília é como viajar em uma nave interplanetária. A imensidão dos espaços, os horários inflexíveis, a rigorosa programação. Dentro da nave, conforto e segurança. Condições ideais para a vida vegetativa. Almoçar, jantar, dormir, urinar — na hora certa. E lá fora o deserto, a ausência de oxigênio, a poeira lunar. Nenhum imprevisto. Os dias se repetindo, as semanas, os meses. Iguais, igualzinho a Brasília”

“O ventre da baleia”, página 18.

Os que gostam de Brasília e se integram na cidade, que perdoem ao escritor, mas Esdras do Nascimento não perdoa o mal que Brasília faz às pessoas. Esdras viveu na capital federal durante três anos, observador fascinado do que ele descreve como tédio inerente e vazio cultural que leva tanta gente a se suicidar, se divorciar (são os dois índices mais altos do país, ele informa), ou procurar cultos místicos, qualquer solução que sacuda a monotonia desses dias tão iguais, entre prédios iguais, sob um céu sempre azul e uma paisagem fictícia, pré-fabricada, indiferente, Brasília intrigou Esdras do Nascimento. Da revolta contra a estrutura da cidade nasceu o fascínio, e dele seu décimo livro, “O ventre da baleia” (Edit. Nórdica, 150 pg., Cr\$ 190), que está sendo lançado hoje em Brasília, e será em seguida no Rio. O ventre é a cidade de Brasília, diz Esdras, que mora em Nova York desde fevereiro passado e é um conhecedor atento de cidades e das pessoas que vivem nelas.

— Quem está em Brasília se condiciona de tal maneira que passa a deixar de reagir a tudo o que acontece fora da cidade. E quem nunca foi a Brasília jamais poderá imaginar o efeito dos grandes espaços e das jaulas burocráticas sobre o espírito das pessoas. Jonas preso no ventre da baleia, com o amortecimento de toda a sua capacidade crítica e o embotamento de sua sensibilidade, os dias e as noites passando, sem luz, sem cor, sem horizontes, iguais. É assim a vida em Brasília, pelo menos para quem percebe o que está acontecendo. Sabe de uma coisa? Quando vivi em Brasília compreendi por que o Jânio Quadros renunciou.

Esdras do Nascimento já rodou mundo, mas guarda um ligeiro sotaque de piauiense. Senhor de tantas andanças, morador de Amsterdam, Londres, Rio de Janeiro, Porto Alegre, entre outras capitais, Esdras nasceu em Teresina, em 1934. É calmo em tudo, e tomou distância crítica de três anos antes de rever as notas que tinha feito sobre Brasília enquanto, funcionário transferido, teve que morar lá.

— Escrever romances é o meu jeito de procurar me entender e entender o mundo em que eu vivo — diz ele, numa entrevista ao GLOBO, em Nova York.

Quando conheceu as pessoas em Brasília, Esdras se espantou com a quantidade de cultos religiosos e comunidades místicas, e o grande movimento de espiritismo. Não foi a primeira vez que ele escutou falar nas previsões feitas por Dom Bosco há mais de um século e repetidas por outros líderes religiosos, incluindo a

Irmandade Rosacruz, que tem centenas de seguidores no Planalto Central: esta seria a terra prometida do futuro, a que será salva do Apocalipse; Don Bosco previu a construção da cidade de Brasília, “e muita gente acredita que no Planalto surgirá uma nova civilização. No terceiro milênio o mundo passará por grandes transformações, haverá terrível mortandade, só quem estiver no Planalto sobreviverá. O cerrado é uma das mais antigas terras do mundo. Houve terremotos por aqui, milhares de anos atrás, o solo já se acomodou. Quem vem para Brasília, de certo modo, atende a um chamado” (Albarel, pag. 110). E não foi a primeira vez que Esdras escutou histórias de discos voadores sobrevoando as cidades satélites e até descendo em Alexânia, nas proximidades de Brasília, atraindo uma romaria de crentes e curiosos. Essas notícias estão sempre nos cantinhos dos jornais. Mas foi a primeira vez que Esdras verificou que não eram exageradas. E ficou perplexo. Em vez de ironizar, como faz agora, agora, seguiu a procissão e se deixou enfeitiçar.

Foi uma época de inacabáveis andanças de automóvel. Conversei com místicos nas cidades satélites. Fiz viagens a Alexânia, onde costumavam aparecer os discos voadores. Ouvi histórias fantásticas. Conheci meia-dúzia de videntes e profetas. O que mais prolifera em Brasília são videntes, e o pior é que acertam. Tinha um que falava muita besteira, mas de repente se virava para alguém da plateia, alguém que nunca tinha visto, e contava a vida dele, sem errar um detalhe. E fazia previsões para o futuro, que depois se confirmavam. De vez em quando eu ouvia falar em grupos de moças e rapazes que tinham largado vida confortável e estudos no Rio e São Paulo para viver em comunidade em lugarejos perto de Brasília, preparando-se para a chegada do terceiro milênio. Vi templos e cultos orientais se multiplicando pela região. E viviam cheios. Observei um enorme interesse pelos estudos de esperanto, tão firme era a crença de que seria essa a língua falada no terceiro milênio. Havia um estranho clima místico em Brasília. Minha mulher e eu estudamos esperanto, aprendemos em uma semana. A organização era tão zelosa que tinha livros de Machado de Assis em esperanto, e uma biografia do Pelé, “Mi estas Pele” (Eu sou Pelé). No Vale do Amanhecer havia uma senhora, tia Neiva, que fazia “operações” espíritas. Vinham médicos do mundo inteiro estudar o fenômeno. Há centenas de casos assim em Brasília, acontecimentos que não se explicam no mundo racional. Por isso as pessoas aderiam ao irracional.

“Uma cidade nave. E a poeira lunar”

Por isso os personagens de “O ventre da baleia” vão se deixando embotar ou se voltam para o mundo místico. Como Albarel, chamada de “Pioneira”, porque há seis anos mora em Brasília, para onde veio em busca de uma vida melhor, com maiores perspectivas, e só encontra a mesma solidão que sentia no Rio, sua primeira parada de mocinha modesta de Belo Horizonte. Albarel tem nojo de sexo, mas sua vida erótica é intensa, uma forma de preencher o vazio, até que encontra a vida espiritual.

Albarel se torna amante de Jair, um funcionário também da “Repartição”, órgão burocrata simbólico, presença constante na vida de todos.

Jair é um dos raros que não sonha em mudar-se para o elegante bairro residencial do Lago, que se recusa

ao conformismo, e odeia recursos imaginários, e escuta com irritação as histórias de videntes, como um tal de Nepomuceno, líder da Ordem Mística dos Pioneiros Transcendentes, que telefona para as pessoas no meio da noite para transmitir-lhes mensagens do além e avisá-las de desgraças que, infelizmente, acontecem. Jair nada contra a maré.

Uma das formas de sair da monotonia é o suicídio. Parece que o advogado Mauro Sérgio Arruda, 49 anos, aparentemente bem casado há mais de 25 anos, três filhos universitários, anfitrião de festas bem frequentadas na bela mansão do Lago, havia escolhido o suicídio como única saída. Ou teria sido assassinado? O mistério se inicia com o livro e nunca se resolve. Mauro Sérgio é encontrado no carro em chamas. Com um tiro na cabeça. Em torno dessa morte misteriosa, na estrada de Anápolis, perto do lugar onde geralmente apareciam discos voadores, os personagens de “O ventre da baleia” se encontram e se desencontram. A morte do advogado é apenas um fato na paisagem aflita do Planalto Central, e a investigação serve de espinha dorsal a estrutura literária do livro.

Esdras do Nascimento coloca em Jair suas próprias angústias de intelectual exilado. Jair vê à sua volta homens e mulheres se transformando em rinocerontes (como na peça de Ionesco), sem perceberem que estão fazendo parte do rebanho.

Como Jair, Esdras do Nascimento não vê qualidades em Brasília, a não ser o habitual.

— Dizem que lá se dorme bem, que é bom para criar filhos. E daí? Tive certos ganhos: aprendi a jogar tênis, disputei torneios de xadrez por correspondência, concluí meu livro “Variante Gotemburgo” (lançado em 1978), e dei longas caminhadas com minha mulher pelas superquadras desertas e iluminadas, que sempre lembravam cenários de filmes de ficção científica. Se os prédios de repente levantassem voo, eu não me surpreenderia. Até a vida pessoal de Brasília é impessoal, porque as pessoas estão ali de passagem. Muda o governo e metade da cidade se muda. É um acampamento de concreto, uma situação eternamente provisória. E a oferta cultural é rara, se restringe a filmes nas salas pequenas das embaixadas, onde só entra a elite convidada; um ou outro espetáculo de balé, ou concerto, uma peça de teatro. Como o encontro entre os interessados é muito esparsa, não existe debate cultural.

Mas como é que só Esdras do Nascimento notou o que ele chama de marasmo? Será apenas esta a visão de Brasília?

— Não sei. Poucos percebem, ou falam nisso. Numa situação de empregos governamentais, é melhor não comentar muito o lado negativo da cidade. Conheci gente que gostava de lá, porque não precisava pensar. Só existe uma diferença fundamental para essa gente: a de status de moradia. Pelo endereço de alguém é possível saber quanto ele ganha, onde trabalha, em que nível burocrático se situa, onde os filhos estudam. Os maridos almoçam em casa, e, à noite, chegam na hora certa do jantar. A vida acaba ali. Os mais afoitos arranjam cursos superiores à noite, podem encontrar pessoas diferentes, manter um outro diálogo além do que acontece na “Repartição”. Outros jogam baralho com os vizinhos, vêem televisão, palitam os dentes, discutem com a mulher em que mês poderão trocar o piso da cozinha, ou as cortinas da sala. Aliás, este é o grande sinal de subida de status: uma mulher conta à vizinha, triunfante, que enfim vai trocar o piso da cozinha. As outras morrem de inveja. E de repente todas estão trocando o piso. A que não tiver condições, se sente humilhada. E assim a vida vai passando. Sossegada, morna, incolor, fechada à reflexão crítica, espiritualmente apática. O único tema aberto à discussão é a cidade.